

Desconstrução de Subalternidades e Idéias Anarquistas: possíveis convergências à caminho da insubordinação.

Trabalho apresentado em :

FIGUEIREDO, Clara de Freitas, FLEURI, R. M.

Desconstrução de Subalternidades e Idéias Anarquistas: possíveis convergências à caminho da insubordinação In: XII Congresso da ARIC (Association Internationale pour la Recherche Interculturelle), 2009. **Diálogos Interculturais: descolonizar o saber e o poder**. Florianópolis:

Disponível em: <http://aric.edugraf.ufsc.br/congrio/anais/artigo/235/textoCompleto> . Acesso em 18 de Abril de 2011.

¹ Clara de Freitas Figueiredo

chiarinh@gmail.com

Bolsista de Iniciação Científica do CNPq

²Reinaldo Matias Fleuri

rfleuri@gmail.com

Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 1C

Resumo:

A pesquisa em desenvolvimento nasceu dentro do projeto “Educação Intercultural: desconstrução de subalternidades em práticas educativas e socioculturais”. Surge da busca por aprofundar a perspectiva da desconstrução de subalternidades

¹ Estudante de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina, realizou um intercâmbio acadêmico para a Universidade Roma Tre, Itália (2007-1). É bolsista de iniciação científica do Núcleo de Pesquisa em Educação Intercultural e Movimentos Sociais, MOVER/CED/UFSC, desde de 2005, pesquisando principalmente: educação intercultural e movimentos sociais. Formada como fotógrafa pelo curso profissionalizante do SENAC-Florianópolis(2008) vem realizando também estudos e trabalhos fotográficos.

² Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1988), realizou estágios de pós-doutorado na Università degli Studi di Perugia, Itália (1996), e na Universidade de São Paulo (2004). Professor titular da Universidade Federal de Santa Catarina. Preside a "Association International pour la Recherche Interculturelle" (ARIC), na gestão 2007-2009. É pesquisador do CNPq. Coordena o Núcleo de Pesquisa Mover - Educação Intercultural e Movimentos Sociais (UFSC/CNPq). Participa desde 1992 do Grupo de Trabalho de Educação Popular da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Educação (ANPEd), tendo sido membro do Comitê Científico desta Associação no período de 2000 a 2002. Faz parte do Instituto Paulo Freire. É pesquisador colaborador do "Centre de Recherche sur l'intervention éducative" - CRIE (Canadá). Tem desenvolvido, coordenado e orientado pesquisas, que resultaram em publicações e produções acadêmicas nas áreas de epistemologia, educação popular, interculturalidade, educação inclusiva e formação de educadores.

relacionando-a com movimentos políticos/sociais de insubordinação. O objetivo é discutir as possíveis convergências entre a opção pela desconstrução de subalternidades e as idéias anarquistas. Parte da desconstrução de subalternidades, enquanto uma perspectiva que leva em conta a complexidade do mundo atual, não acredita ser detentora de uma verdade redentora (Azibeiro) e busca a identificação de entre-lugares viáveis ao diálogo a construção do pensamento fronteiriço. É realizada por meio de pesquisa bibliográfica, análise e identificação dos pressupostos teóricos confluentes. Traz em conta os aportes da desconstrução de subalternidades: colonialidade do poder, eurocentrismo (Quijano), colonialidade-modernidade, diferença colonial, consciência dupla, pensamento fronteiriço (Mignolo) transmodernidade (Dussel), Entre-Lugar (Bhabha). Busca-se: levantar um pouco da história das idéias e movimentos anarquistas (Woodcock); traçar convergências como, por exemplo, a defesa pela desconstrução enquanto um postulado à transformação, à construção (Bakunin); refletir sobre o movimento antiglobalização (Liberato e Klein), sua relação com o surgimento de uma nova utopia, suas possíveis confluências ao manter um viés libertário, uma rebeldia visceral contra toda e qualquer forma de opressão e a autonomia como caminho e fim contribuindo com um horizonte de transformação social.

Contextualização da idéia e focalização do “problema”

Conforme enunciado pelo título, “Desconstrução de Subalternidades e Idéias Anarquistas: possíveis convergências à caminho da insubordinação”, o texto abaixo inicialmente trará uma descrição do contexto de emergência dessa pesquisa teórica; em seguida, uma breve explanação sobre a perspectiva da desconstrução de subalternidades e sobre a idéia do movimento anarquista e seus precursores, chegando aos atuais movimentos de insubordinação. Buscamos assim traçar, entre essas duas perspectivas, alguns paralelos e aproximações possíveis.

No interior do projeto “Educação Intercultural: Desconstrução de subalternidades em práticas educativas e socioculturais”³, na busca por aprofundamento da perspectiva da desconstrução de subalternidades e da compreensão de sua relação com movimentos e práticas educativas / políticas /

³ O núcleo de pesquisa de Educação Intercultural e Movimentos Sociais – MOVER/CED/UFSC vem desenvolvendo coletivamente o projeto “Educação Intercultural: Desconstrução de subalternidades em práticas educativas e socioculturais” que entrelaçam as pesquisas de todo o núcleo. Ao longo de um ano viemos por meio de encontros presenciais/virtuais a cada quinze dias, em parceria com o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Ambiental Dialógica, Educação Intercultural, Educação e Cultura Popular - GEAD /UFC, investigando a práxis da desconstrução de subalternidades, baseados em alguns pensadores latino-americanos, como Mignolo (2005), Quijano (2005), Dussel (2005), Porto-Gonçalves (2005), Azibeiro (2006; 2008), Figueiredo (2003; 2007), Fleuri (1998), dentre outros.

sociais no seu sentido mais amplo, surgiu a percepção de possíveis convergências entre esta perspectiva e a perspectiva libertária (anarquismo), entre os movimentos e as práticas libertárias. Dessa maneira eclodiu a necessidade de se realizar leituras anarquistas⁴ para a busca de possíveis aproximações.

A importância de tal discussão não se baseia na mera problemática da falta de estudos teóricos, ou por mero diletantismo, mas pela necessidade – antes de tudo pessoal – de compreender sua dimensão política incomensurável, de identificar uma possível relação entre movimentos sociais aparentemente isolados e, por meio de sua práxis e de suas ideologias, conectá-los as teorias aqui debatidas. Busca-se construir uma argumentação teórica que justifique a idéia, embutida no caminho pela desconstrução de subalternidades, de uma ação molecular, no presente, que não desconsidere a utopia de uma transformação maior e efetiva da sociedade. Busca-se compreender ações de desconstruções possíveis de novas construções em várias esferas da sociedade e em outros momentos históricos⁵.

Desconstrução de Subalternidades - Um Caminho possível

Clara: Mas, o termo “desconstrução de subalternidades⁶” propriamente dito, foi você que criou?

Nadir: Pois... eu acho. Acho que não fui eu sozinha, foi o diálogo. Começou posteriormente a minha entrada no doutorado, a Maristela trouxe uns textos sobre as correntes que discutem o pensamento Latino Americano...

Eu não me lembro de ter visto alguém que falava isso como conceito, mas como conteúdo “todos” falavam⁷.

⁴ o grande aporte teórico dos ideais libertários

⁵ Algo como fez Kropotkin, porém não tão audaz, ao buscar os antepassados anarquistas nos primórdios da história humana, chegando a defender, conforme Woodcock (2007), que sempre houveram duas correntes de pensamentos humanos. “De um lado, a tendência à ‘ajuda mútua’[...] e por outro lado, a corrente autoritária [...] a anarquia representa a primeira das duas correntes [...]” (op. Cit., p. 38-39).

⁶ Esse conceito é explicado por Nadir Azibeiro, (2005), em sua tese “Educação Intercultural e Comunidades de Periferia: limiares de formação de educador@s”, na qual fala que: “desconstruir subalternidades, assim, não vai significar ignorá-las, negá-las e nem mesmo parar na simples inversão de posições (...) desconstruir a relação de subalternidade é transformá-la em relação de reciprocidade, não como um pacífico, conciliador e amorfo face a face, mas como potenciação dos paradoxos, das contradições, explodindo na construção de significados e processos de subjetivação diversos dos habituais, por que plurais, polissêmicos – implicando muitas vezes a transgressão, ou subversão, significada como crítica e mudança de modos de entendimento e ação” (Op. cit., p. 69).

⁷ Essa conversa não foi assim, tal e qual, porém algo muito similar... algumas palavras/expressões se alteram. O conteúdo era esse. E enquanto a Clara do diálogo reproduzi o que minha memória falha registrou. (Diálogo ocorrido durante reunião presencial/virtual do MOVER - UFSC/ GEAD - UFC, no dia 29 de abril de 2008).

A fala acima se trata de uma procura minha sobre a origem do termo e das discussões e práxis que circundam a perspectiva da desconstrução de subalternidades, e de como podemos perceber esse conceito, que foi expresso dessa forma, com esse sentido por Nadir Esperança Azibeiro (2006) em sua tese de doutorado. E o fez influenciada por autores e conceitos que discutem os dispositivos construtores de subalternidades, tais como a colonialidade do poder, padrão de poder e classificação social da população mundial pautados na idéia de raça; construção mental e experiência básica da dominação colonial, que vêm permeando as dimensões mais importantes do poder mundial, incluindo o eurocentrismo (Quijano, 2005), ou a colonialidade-modernidade, complementação do conceito de sistema-mundo moderno de Wallerstein, acrescentando a essa leitura da dominação capitalista a esfera da colonialidade do poder e da diferença colonial (Mignolo, 2005) e a própria Consciência dupla, principal característica do imaginário do mundo moderno-colonial, dupla porque subalterna, de quem viveu e vive a modernidade na colonialidade (Op. Cit.)

O fez também sob a influência de autores e conceitos que, ao discutir tais dispositivos construtores de subalternidades, também discutem formas e conceitos, caminhos passíveis a tais desconstruções, como: a idéia da transmodernidade (Dussel), que parte da perspectiva do dialogo com as culturas milenares – aquém da modernidades e da pos-modernidade, por muitos julgadas pré-modernas - tentando construções de caminhos fronteiriços (Mignolo), de relações sociais, culturais entre similares, dialogando na fronteira, buscando os espaços passíveis à desconstrução, os Entre-lugares (Bhabha).

Em sua tese, Azibeiro (2006, pág 69), explica o referido conceito ao aduzir que:

“... desconstruir subalternidades, assim, não vai significar ignorá-las, negá-las e nem mesmo parar na simples inversão de posições [...] desconstruir a relação de subalternidade é transformá-la em relação de reciprocidade, não como um pacífico, conciliador e amorfo face a face, mas como potenciação dos paradoxos, das

contradições, explodindo na construção de significados e processos de subjetivação diversos dos habituais, por que plurais, polissêmicos – implicando muitas vezes a transgressão, ou subversão, significada como crítica e mudança de modos de entendimento e ação”.

Afirma ainda que a opção pela desconstrução de subalternidade consiste em uma ferramenta, um caminho, uma perspectiva, uma possibilidade real, que não acreditando deter verdade redentora, ou única solução para todas as situações, busca um horizonte, uma utopia, uma transformação social. Procura caminhar, tomando formas distintas e desconstruindo, dê-lo-ando em esferas “N”s, as formas de dominação, os dispositivos construtores de subalternidades nos entre-lugares⁸ possíveis as tais desconstruções.

... as possibilidades de transformação – pessoais, sociais, políticas – estão colocadas como possibilidades reais, ainda que não tenhamos o controle de sua direção. A intervenção – política ou educativa – reencontra seu significado, exigindo, ao mesmo tempo, contínua avaliação e redirecionamento. Assim também desponta como significativa a busca dos entrelugares, em que seja possível a desconstrução de subalternidades, por provocarem deslocamentos, mudando jogos de poder e políticas de verdade (AZIBEIRO, 2008).

Percebe-se em tais afirmações que a luta contra a autoridade, num sentido mais amplo contra os dispositivos construtores de inferioridades, desigualdades, subalternidades, dá-se por meio de uma prática cotidiana, “é um se re-pensar, se re-inventar de todo dia”⁹. Uma opção em busca da libertação de cada sujeito, uma opção individual, na qual ninguém é redentor, em que na busca dessa transformação cada sujeito torne-se protagonista encontrando os entre-lugares para as desconstruções.

Anarquismo – O aporte teórico dos libertários

8 Bhabha (1998) anuncia o termo “entre-lugar” como sendo um lugar onde ocorre a “elaboração de estratégias de subjetivação que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria idéia de sociedade”.

9 Fala de Nadir Azibero, membro do MOVER, durante a reunião, do dia 29 de abril, que inspirou esse trabalho.

Conforme explica Woodcock (2007, p. 8):

“Anarchos’, a palavra grega original, significa apenas ‘sem governante’ e, assim, a palavra anarquia pode ser usada tanto para expressar a condição negativa de ausência de governo quanto a condição positiva de não haver governo por ser ele desnecessário à preservação da ordem”.

Após a Revolução Francesa essa palavra foi usada incessantemente em seu sentido negativo, como crítica ou por partidos políticos para difamar seus oponentes. Proudhon, apenas em 1840, ao perceber o significado duplo da palavra, se auto-proclamou anarquista no seu livro “O que é propriedade?”, e assim o termo começou a ser utilizado em seu sentido positivo principiando a se transformar em uma teoria política, que busca criar a anarquia como “ausência do senhor, do soberano”, construir uma sociedade livre, com indivíduos livres e iguais entre si, se opondo a qualquer forma de controle hierárquico.

Já Vares (1992), ao falar sobre o que é o anarquismo, explica que não só seus precursores quase nunca deixaram condensados “tratados” sistemáticos, como possuem traços difíceis de definir e variações no pensamento de cada um dos grandes libertários. “Mas há, evidentemente, uma trajetória comum, que se poderia resumir na concepção socialista ou comunista da sociedade, e fundamentalmente, no combate sem tréguas a qualquer forma de estado” (Op. Cit, p. 19).

Buscando ilustrar o movimento anarquista em sua perspectiva histórica, Woodcock (2007, p. 17) descreve:

Na verdade, o anarquismo é a um só tempo diversificado e inconstante e, à perspectiva histórica, apresenta a aparência, não de um curso d’água cada vez mais forte, correndo em direção ao mar do seu destino (uma imagem que bem poderia ser aplicada ao marxismo), mas de um fio de água filtrando-se através do solo poroso - formando aqui uma corrente subterrânea, ali um poço turbulento, escorrendo pelas fendas, desaparecendo de vista para surgir onde as rachaduras da estrutura social possam lhe oferecer uma oportunidade de fluir. Como doutrina, muda constantemente, como movimento, cresce e se desintegra, em permanente flutuação, mas jamais se acaba. [...] A estranha fluidez do anarquismo se reflete na sua atitude em relação à organização. Os anarquistas não rejeitam a organização, mas nenhum deles procura dar-lhe uma

continuidade artificial. O importante é a sobrevivência da própria atitude libertária.

Ao longo da história, como explica Woodcock (2007), se faz possível a identificação de algumas “vertentes” anarquistas, de expoentes do movimento. Um dos primeiros a escrever sistematicamente sobre idéias anarquistas foi Godwin, em 1793, com a publicação de Inquérito sobre a justiça política. Seus escritos já abrangiam todos os aspectos essenciais da doutrina anarquista.

“Godwin repudiava qualquer sistema social que dependesse do governo e apresentou sua própria concepção de uma sociedade simplificada e descentralizada, com um mínimo de autoridade que se iria tornando cada vez menos atuante, baseada na divisão voluntária dos bens materiais” (Woodcock???, 2007, p 65).

Posteriormente, temos Proudhon, diz Woodcock (op. Cit), com sua crença no ser humano e na ajuda mútua e sua grande crença nas federações de comunas e cooperativas de operários, que daria origem as teorias da autonomia operária. Na seqüência vê-se Marx Stirner com suas idéias que posteriormente foram nomeadas de anarco-individualismo.

Na mesma obra, continua Woodcock (2007), que Bakunin ficou conhecido por sua excentricidade e rebeldia, sendo através dele que o anarquismo ganha também um aspecto de rebeldia às convenções sociais cotidianas, conforme explica Liberato. Com Bakunin o campo de batalha dos libertários passa a ser o humano e sua pluri-dimensionalidade (feminismo, pedagogia libertaria, antiabolicionismo penal entre outros), questões defendidas nas discussões sobre a atualidade do anarquismo.

Para muitos, é através dele que o anarquismo se difunde enquanto movimento, sendo um dos grandes difusores do anarquismo, junto aos seus discípulos, os coletivistas, nos últimos anos da década de 1860, conforme ainda explica Woodcock (Op. Cit.), eles que substituíram a idéia de propriedade individual, defendida por Proudhon, pela da propriedade em mãos de instituições voluntárias, que assegurariam a cada trabalhador o direito de desfrutar do produto do seu próprio trabalho, ou seu equivalente.

Kropotkin, que trouxe uma áurea filosófica para o movimento, como explica Woodcock (2007, p.20), retoma a 'Utopia', já proposta por Thomas More - de um comunismo literal, que permitiria a todos retirar aquilo que desejassem dos depósitos comuns, tendo como base o lema: 'De cada um, de acordo com seus meios; a cada um, de acordo com suas necessidades'".

Surge principalmente na Holanda, Inglaterra e Estados Unidos, no período anterior e posterior a Segunda Guerra Mundial, difundindo-se o que foi chamado de anarquismo pacifista, ou anarquismo cristão, muito influenciado pelo escritor russo Leon Tolstoi. Este, por associar o anarquismo à violência, conforme explica Woodcock (2007), repudiava essa designação. Entretanto, seus ideais e sua total oposição ao Estado e a outras formas de autoritarismo, o coloca como um expoente do pensamento anarquista.

Os discípulos de Tolstoi, contudo aceitam a designação repudiada por ele e foram grandes criadores de comunidades libertárias, muitas delas agrícolas, que buscavam a "propaganda pela ação". Tolstoi pregava a não resistência. Gandhi, um de seus mais importantes discípulos, tentou efetivar na prática suas teorias. Já: "Os anarcopacifistas aceitam o princípio da resistência e até a ação revolucionária, desde que não incorra em violência, que consideram uma forma de poder e, portanto, de natureza não-anarquista" (Woodcock, 2007, p. 21).

Tal construção 'genealógica', entretanto, se além aos possíveis precursores teóricos do anarquismo e, para muitos autores como Daniel Guerrin (1968) e Liberato (2006), o anarquismo enquanto movimento e atividade política surge como uma corrente socialista libertaria, teorizada inicialmente por Proudhon, e se constitui enquanto tal por haver algumas divergências às correntes socialista majoritárias na I internacional (1864-1876), divergências relacionadas ao federalismo / autonomia / antiestatismo e a concepção comunista-estatal¹⁰.

Assim alguns teóricos citados acima como precursores do anarquismo são considerados pré-anarquistas (Tolstoi, Stiner, Godwin), pois estes não se auto-proclamarão anarquistas e nem o constituíram enquanto atividade e movimento político.

¹⁰ Dessas divergências derivam as disputas entre marxistas e anarquistas, disputas estas originadas dentro da primeira internacional, polarizadas por K. Marx e Bakunin.

Woodcock (2007) apresenta o movimento anarquista ao longo da história, como pequenas infiltrações ou como grandes correntes, e é assim que podemos perceber sua participação, seja como um forte movimento na Guerra Civil Espanhola, seja como um movimento de resistência dos trabalhadores sindicalistas em São Paulo¹¹ na década de 20.

A busca por rachaduras no sistema está sempre ali, se transformando, criando novas formas de ação, porém com os mesmos princípios. E é por compreender essa fluidez, por acreditar nessa ausência de dogmatismos, nesse movimento em flutuação, que teóricos como Tomás Ibáñez (2007), defendem a atualidade do anarquismo e sua relação intrínseca com os atuais movimentos sociais emancipatórios.

Teóricos como Chomsky, Ibáñez e Liberato, o compreendem como uma resposta direta e pontual às estruturas de dominação, sendo multifacetado e mantendo como elo a indignação a qualquer forma de subalternização - como explica Chomsky (2004), tendo a premissa básica de que “o poder é sempre ilegítimo, até que se prove o contrário” – o anarquismo e as lutas libertárias serão atuais enquanto houver aquela a quem eles se opõem. Em resposta a tal prerrogativa, em seu livro “Actualidad del Anarquismo”, escreve Ibáñez (2007, p. 152):

“El anarquismo se invento, literalmente, como respuesta frente a un determinado orden social y se construyó desde dentro de las luchas que pugnaban por subvertirlo. No fue un sistema doctrinal que se proyectase desde fuera, desde el etéreo mundo de las ideas, sobre las luchas, sino que resultado de esas luchas y se conformo directamente en su senp. Su vigencia es, por lo tanto, la misma que la de aquello a lo que se oponía, y se agota cuando se agota la matriz que lo ha conformado”

No mesmo sentido, em “Notas sobre o Anarquismo”, ao ser questionado sobre seu apoio a alguns movimentos sociais progressistas, Chomsky (2004, p.199) explicou que:

¹¹ Liberato (2006, p. 69) comenta que “Inspiradas nas idéias e práticas do pedagogo e militante libertário espanhol Francisco Ferrer, contabiliza-se que cerca de 25 escolas do tipo tenham sido criadas por associações sindicais e militantes anarquistas no Brasil até 1920. Ferrer foi fuzilado pelo Estado espanhol em 1909, e assim como seu idealizador, as Escolas Modernas seriam objeto de repressão e perseguição por parte do Estado e da Igreja. No Brasil foi diferente”.

(...). Prefiro viver nesse mundo e não num mundo de seminários abstratos. Neste mundo as pessoas têm necessidades reais, aspirações legítimas; por exemplo, aspirações por escolas decentes, assistência médica[...] Se a melhor maneira de conquistar esses objetivos, nas circunstâncias dadas, for cooperar com “movimentos sociais progressistas”, sindicatos, outras organizações e ativismos, então é isso que devemos fazer, pelo menos se nos preocuparmos com as pessoas reais que vivem neste mundo – sempre, é claro, tentando trabalhar com aqueles que vêem o progresso de curto prazo como uma base para avançar para alternativas mais justas e livres, inclusive com a reconstrução radical das instituições e das relações.

Liberato (2006), por sua vez, traz em sua tese toda uma discussão sobre os movimentos da juventude¹² e seu possível enfoque libertário, sua aproximação – ora como manifestação de rebeldia, ora como política – com os ideais anarquistas, sua influência teórica, suas convergências na forma de ação e expressão. Iniciando no movimento Punk, com suas músicas de protesto, o lema libertário do “faça você mesmo”, as práticas de “ação direta”, a luta contra a autoridade, ele segue fazendo uma introdução sobre a característica rebelde intrínseca a juventude; num segundo momento a difusão do movimento anarquista na juventude, e a sua relação com a indústria cultural e o consumo de rebeldia, chegando num momento onde mostra a dialética desse consumo de rebeldia e consumo rebelde. Onde aportamos nos atuais movimentos antiglobalização¹³.

Influências e Confluências

Conforme explica o anarquista ou socialista libertário Noam Chomsky (2004, p. 193-194):

... o termo “libertário” durante toda a história europeia moderna significou anarquista socialista. Significou o princípio antiestatista do Movimento Operário e do Movimento Socialista. [...] O lado antiestatista, que incluía marxistas de esquerda – Rosa Luxemburgo e outros - e que se fundiu, mais ou menos, com uma grande tendência do anarquismo no que foi chamado

¹² Ao falar em juventude, conforme explica Liberato (2006), se está falando principalmente de uma forma associada à moratória social e a uma autonomia, que produzem signos, um estilo de vida e de comportamento, não de uma categoria etária.

¹³ O chamado movimento antiglobalização consiste num ciclo de protestos e Manifestações de rua que chamaram a atenção da opinião pública mundial como nenhum outro no período. Iniciando entre 1998 e os primeiros três anos da década seguinte, ocorridos durante encontros de cúpulas de organismos gestores da economia e da política mundial, manifestações predominantemente juvenis e anticapitalista. Seus eventos mais marcantes, como explica Liberato (2006), foram o bloqueio da reunião ministerial da OMC em Seattle, EUA, 30 de novembro de 1999 e em 20 de junho de 2001, com as gigantescas manifestações simultâneas ao encontro do G8, em Gênova, Itália.

de 'socialismo libertário'. [...] Lá [na Europa] isso significou, e sempre significou para mim, socialista e antiestatista, a tendência antiestatista do socialismo, que se traduziu como uma sociedade altamente organizada, sem qualquer relação com o caos, e baseada na democracia em todos os meios. Isto é, controle democrático das comunidades, dos sistemas de associações voluntárias, espalhando-se internacionalmente. Isso é o anarquismo tradicional. Você sabe, qualquer um pode reivindicar o termo se quiser, mas isso é o que é mais conhecido do anarquismo tradicional.

Podemos constatar que a essência dos que hoje se intitulam pensadores libertários e socialistas libertários é anarquista. Conforme defende Chomsky (2004), estes libertários baseiam-se nos princípios dos que lutam pela idéia de que a autoridade ilegítima deve ser exposta, e uma vez exposta combatida por nós, e que isso se aplica a todos os aspectos da vida.

E é por esse viés libertário, de inúmeros movimentos sociais e políticos existentes hoje, que o anarquismo e os anarquistas influenciam e são influenciados, trazendo essa atualidade do anarquismo e retomando a rebeldia enquanto cultura de resistência cotidiana enunciada por Bakunin. A exemplo os zapatismo ou o movimento antiglobalização, que não se intitulando anarquistas comungam de muitos ideais libertários.

Para falar um pouco dessa expressão que corrobora com o movimento anarquista, e quem sabe se formos um pouco audaciosos, pensando o conceito de atualidade desse movimento como define Ibañez(Op. Cit.), podemos pensar o movimento antiglobalização, como uma possível expressão atual desse viés libertário. Este movimento, conforme explica Naomi Klein (2003), não se trata de um movimento contra a globalização, pois ao contrário disso ele se articula fundamentalmente via instrumentos da globalização como a Internet, e são tão “mordidos pelo inseto da globalização quanto os advogados especializados em comércio dentro das reuniões oficiais” (Op. Cit., p. 10). Portanto, nada tem de antiglobalização, mas é anticorporação, “opondo-se à lógica de que o que é bom para os negócios - menos regulamentação, mais mobilidade, mais acesso - resultará em boas novas para todo o mundo” (Klein, 2003, p. 10).

Esse movimento começa a ter visibilidade após Seattle, no ano de 1999, quando um enorme número de pessoas, se reuniu e se manifestaram contra as

grandes corporações capitalistas, do lado de fora do encontro da Organização Mundial do Comércio. Assim, sem possuir uma estrutura hierárquica, cada campanha anticorporação é formada de vários grupos, ONGs, sindicatos de trabalhadores, estudantes e anarquistas, autonomistas, movimentos sociais que usam a Internet e outros instrumentos de organização mais tradicionais para fazer tudo, explica Klein (op. Cit.), desde catalogar as últimas transgressões do Banco Mundial, distribuição de panfletos anti-sweatshops prontos para download, até manifestantes na NikeTown. Eles permanecem autônomos.

Em entrevista¹⁴ dada a Maria Rivera, durante Conferencia Latino-americana de Ciências Sociais (Clacso), Junho de 2004, Quijano – um dos teóricos que embasa o conceito de desconstrução de subalternidades - falando sobre a necessidade da re-tomada do conceito de utopia e sobre o viés anticapitalista de seus estudos explica que tal “ retomada da esperança”, da crença nas lutas sociais da busca por um novo horizonte e da tentativa de construir ele hoje, veio após uma serie de manifestações do chamado movimento antiglobalizacão:

A fines de los 90, en varios lugares del mundo comenzó una serie de protestas ante eso que llamamos globalización, que no es sino una reconcentración drástica del control de los recursos del mundo -80 por ciento de la población mundial utiliza menos de 20 por ciento de los bienes del planeta. Esto produjo una marejada social de resistencias que ha regresado a primer plano las propuestas, las ideas, las esperanzas. De ahí que la palabra utopía haya vuelto a cobrar un contenido que parecía perdido del todo.¹⁵

Podemos perceber então que Quijano, para muitos um “ punto de referencia de las propuestas teóricas surgidas en torno al movimiento antiglobalización”¹⁶, em suas discussões, é permeado por um ideal de transformação social e política de cunho anticapitalista, onde assim como esse movimento antiglobalização, busca essa transformação, afirmando a necessidade da retomado do conceito da utopia, uma retomada da esperança, dos ideais políticos e da rebeldia. O que por sua vez traz essa perspectiva e essa influencia ao conceito de desconstrução de

14 Fonte: Rivera, Maria, La Onda Digital, Anibal Quijano: "El neoliberalismo arrastra a América Latina a la esclavitud", entrevista durante la Conferencia Latinoamericana de Ciencias Sociales (Clacso), Junio 2004. Disponível em: < <http://firgoa.usc.es/drupal/node/4897>> acceso em: 11 ago. 2008.

15 Rivera, Maria, La Onda Digital, Anibal Quijano: "El neoliberalismo arrastra a América Latina a la esclavitud", entrevista durante la Conferencia Latinoamericana de Ciencias Sociales (Clacso), Junio 2004. Disponível em: < <http://firgoa.usc.es/drupal/node/4897>> acceso em: 11 ago. 2008.

16 Idem.

subalternidades. Além de nos reportar a uma possível aproximação entre essa perspectiva e a perspectiva libertaria.

Outras aproximações entre a perspectiva da desconstrução de subalternidades e a perspectiva libertaria pode ser elencada nos escritos de Mignolo que ao discutir as amarras construtoras de subalternidades e os possíveis caminhos a desconstrução dessas, se remetem a movimentos como o Zapatismo, movimento que não só se aproxima, em certa medida do conceito de pensamento fronteiriço, como podemos traçar possíveis aproximações a idéia de transmodernidade de Dussel, e que ao mesmo tempo não deixa de ser um movimento com muitas influencias e confluências anarquistas.

O surgimento zapatista, a força do imaginário indígena e a disseminação planetária de seus discursos fazem-nos pensar em futuros possíveis além de todo fundamentalismo civilizatório, ideológico ou religioso, cujos perfis atuais são o produto histórico da “exterioridade interior” a que foram relegados (leia-se submetidos) pela autodefinição da civilização ocidental e do hemisfério ocidental; o problema da “ocidentalização” do planeta é que todo o planeta, sem exceção e nos últimos quinhentos anos, teve que responder de alguma maneira à expansão do Ocidente. (Mignolo, 2005)

Assim como para Mignolo o Zapatismo pode representar uma “esperança”, ele em seu processo de constituição pode enunciar a idéia de transmodernidade e de pensamento fronteiriço, na medida que em sua formação ideológica, conforme explica Ferreira Vargas (2003), foi se construindo no dialogo entre teorias e ideais modernos, europeus, em dialogo com saberes pré-modernos, milenares, dos povos autóctones. Explicando suas origens ideológicas Ferreira aduz que:

O EZLN representa a fusão de três elementos: um movimento indígena organizado e politizado com lideranças experientes e muitas vezes de inspiração maoísta; o imenso trabalho de conscientização política de catequizadores e educadores inspirados pela Teologia da Libertação e o núcleo guerrilheiro, instalado em Chiapas desde 1983, que fazia parte de uma organização mais antiga e de porte nacional: as Forças de Libertação Nacional. Nos estatutos da FLN pode-se encontrar a opção pelo socialismo, que Marcos e os atuais zapatistas tendem a matizar, bem como referências à “ditadura do proletariado”, ao “combate ao imperialismo estrangeiro” e outras fórmulas do mais tradicional jargão revolucionário-comunista típico dos anos sessenta e setenta. Uma das interpretações da mudança de discurso e orientação ideológica do movimento assinala que o

contacto desse núcleo guerrilheiro, branco, de origem urbana e na maior parte universitário, com os indígenas chiapanecos forçou uma guinada ideológica pela simples razão de que seu esquema interpretativo e revolucionário não ‘colava’ com os índios. Foi a partir desse encontro, cujo símbolo é o Velho Antônio, que os guerrilheiros tiveram que parar de falar e começaram a ouvir, abandonando vários dos clássicos esquemas interpretativos provindos do marxismo revolucionário e incorporando as práticas organizativas e o pensamento indígena. Ao que parece essa guinada e subordinação “indigenista” causam turbulências nas FLN provocando o abandono de vários componentes da guerrilha. De qualquer forma é desse “sincretismo político” que mescla ideologias revolucionárias de tradição comunistas, como maoísmo e o guevarismo, com a tradição organizativa e ‘cosmovisão’ indígenas que se forma lentamente a atual insurgência zapatista. Essa incorporação da contribuição do elemento indígena, que por exemplo tanto contribuem para a bem-sucedida fórmula dos comunicados zapatistas, tornou a orientação ideológica do movimento indeterminada e em muitos sentidos mais próxima da tradição libertária: autogestionária, crítica ferrenha do estado e dos partidos políticos, valorizando mais a rebeldia social do que a revolução política. O próprio subcomandante Marcos que já se disse “culpado pelo crime da anarquismo”. (Op. Cit)

Existe uma leva de movimentos políticos e sociais atuais que possuem influências anarquistas, libertárias ou que corroboram com essa vertente. Como podemos ver acima não só muitos anarquistas estão engajados nas lutas do assim chamado “movimento antiglobalização”, como o próprio movimento em si, demonstra uma estrutura e princípios libertários. Assim como alguns movimentos sociais atuais, a exemplo, os Zapatistas, que possuem traços ideológicos de clara influência libertária, os Punks, os centros independentes de mídia¹⁷, o movimento software livre, o movimento pelo passe livre, os movimentos de libertação animal, o feminismo, o veganismo e etc, possuem vivos em si os princípios da insubordinação anarquista, a busca por rachaduras no sistema.

Rebeldia, a desconstrução criativa

Para além de suas raízes se influenciarem e serem confluentes com movimentos de fortes tendências libertárias, de possuir uma opção política que visa uma transformação social de caráter anti-capitalista, o conceito de

17 ex: www.tao.ca e a www.indymedia.org

desconstrução de subalternidades possui uma outra convergência com o movimento anarquista: que se trata da idéia da desconstrução como eixo central de sua prática, assim como nas teorias anarquistas, ainda que seja pela perspectiva negativista¹⁸, que já em Proudhon e Stirner encontra suas raízes, ou pelas próprias idéias revolucionárias de Bakunin que acerca da destruição enquanto um postulado à transformação, à construção, ele afirmava que: “A paixão pela destruição é também a paixão criativa” (Vares 1992, p. 37).

Percebe-se então uma convergência pautada na desconstrução como caminho, a exemplo, podemos trazer Bakunin (1988), com sua visão da negatividade enquanto um elemento fundamental à dialética da destruição-reconstrução da sociedade que reforça as propostas de uma prática de desconstruções de subalternidades pautada num re-inventar e numa desconstrução cotidiana.

A concepção de desconstrução de subalternidades é claramente embasada em teorias que analisam uma esfera da sociedade, alguns dispositivos construtores de subalternidades e propõe que identificando eles, se revolte com ele, se diga “não”, “ya basta!”, e busque-se um novo re-inventar, uma nova forma de ser, a construção de um outro pensamento, uma outra ação, uma outra realidade, um novo dialogo que parta das margens e se construa na fronteira na interação. Essa desconstrução parte de uma revolta, parte de uma insubordinação, parte da insubordinação dos dominados e da auto-afirmação do outro lado da moeda, parte do reconhecimento da colonialidade na modernidade, por uma revolta deste a essa posição e pela busca de um caminho, por uma tomada de conhecimento do subalterno e da busca pela construção de um pensamento latino-americano, por exemplo.

Nesse sentido podemos perceber que para o processo de desconstrução-criativa, a lá Bakunin, faz-se preciso o reconhecimento de uma posição de subalternidade, como diria Paulo Freire o “tomar consciência” e o sentimento de revolta, de rebeldia, o negar, o dizer “ya Basta!”, para fazer uso de uma expressão zapatista. Processos estes convergentes em todos os movimentos de viés

¹⁸ Para saber mais ver: NASCIMENTO, 2004.

libertário assim como na idéia de desconstrução de subalternidades, como o próprio nome já enuncia.

Podemos perceber assim que o conceito de rebeldia, de revolta, emerge como uma potencia fundante em ambos movimentos, com Bakunin, a rebeldia ganha uma posição fundante no movimento anarquista, enquanto potencia constituinte, enquanto potencia criadora, para ele o desenvolvimento envolve necessariamente a negação, enquanto um ponto de partida. Falando sobre a revolta para Camus, em seu livro O Homem revoltado, Liberato (Op. Cit.) explica que segundo tal autor, esta constitui-se enquanto uma afirmação da humanidade, da dignidade humana, sua compreensão sobre revolta esta para além da simples recusa, “A revolta diz “não”, mas também diz “sim”. O “não” seria afirmação de uma fronteira, de um limite. É o “basta”, o “não” da recusa da violação de um limite. O “sim” seria afirmação de um valor universal, sendo construído e ganhando sentido progressivamente”. (op. Cit. P. 13).

Não temos como falar em rebeldia sem nos remetermos aos Zapatista, eles que se auto intitulam rebeldes e que por meio do sub-comandante Marcos, definem rebeldia proclamando a seguinte afirmação:

A Rebeldia é como aquela mariposa que dirige seu vô para este
mar sem ilhas e sem rochedos.

Sabe que não terá onde pousar e, contudo, seu vô não titubeia.

Não, nem a mariposa e nem a rebeldia são bobas e suicidas,
acontece que sabem que terão onde pousar, que por aí há uma ilhota que
nenhum satélite detectou.

E esta ilhota é uma rebeldia irmã que, com certeza, sairá flutuando
justo quando a mariposa, ou seja, a rebeldia voadora, começar a
desfalecer.

Então a rebeldia voadora, a mariposa marinha, passará a ser parte desta
ilhota emergente, e será assim o ponto de apoio para outra mariposa que já
empreendeu seu vô decidido rumo ao mar.

Nos livros de biologia, isso tudo não irá além de uma curiosidade,
mas, como disse não sei quem, o bater das asas de uma mariposa
costuma ser a origem dos grandes furacões.

Com seu vô, a rebeldia voadora, ou seja, a mariposa, está
dizendo NÃO!

Não à lógica.

Não à prudência.

Não à imobilidade.

Não ao conformismo.

E nada, absolutamente nada, será tão maravilhoso como ver
a ousadia desse vô, apreciar o desafio que representa, sentir como

o vento começa a agitar-se e ver como, com estes ares, não são as folhas das árvores a tremerem, e sim as pernas dos poderosos que até aquele momento pensavam, ingênuos, que as mariposas morriam mar adentro (Marcos, 2002).

Ilustra a rebeldia como um movimento coletivo, uma união de rebeldias, como uma potencia fundante da humanização dos subordinados, como uma potencialidade positiva que da bases a construção de uma ilha de resistência, como um movimento. Assim como o fez Dussel¹⁹ ao negar a ausência da América na historia universal, inicio um processo de discussão e construção junto a outros estudiosos dos países hemisféricos desencadeando um movimento de percepção, identificação dos dispositivos construtores de subalternidades e buscando um bater de asas que pode dar origem a um grande furacão.

Liberato (Op. Cit.) supõe que se sóoubessem duas palavras no dicionário zapatista, é muito provável que fossem estas Dignidade e rebeldia. Rebeldia esta relacionado à terra, a vida, a suas ações, a sua dignidade, sustenta a dignidade, a humanidade, a autonomia.

Insubordinação um caminho para a autonomia

Nesse sentido a rebeldia à insubordinação, a negação pode enunciar uma necessidade de reflexão, compreensão critica que busca uma autonomia, um tornar-se sujeito como diria Freire e Azibeiro(Op. Cit.).

A autonomia surge então, para a desconstrução de subalternidades, como uma libertação do individuo da situação de colonialidade estabelecida, libertação das estruturas de poder/saber que atuam como amarras. Enquanto uma busca por autonomia surge a necessidade da construção de um pensamento latino americano – por que é onde estamos, é de onde partimos²⁰ e não por que seja essa uma perspectiva privilegiada em relação as demais – que lança-nos novas perspectivas. Não emergindo apenas enquanto pensamento fronteiriço, a autonomia emerge também, dentro deste pensamento, enquanto um se re-fazer

19 Ver: DUSSEL, Enrique. TRANSMODERNIDAD E INTERCULTURALIDAD. Interpretación desde la Filosofía de la Liberación. UAM-Iz., México City, 200.

20 Se trata aqui de uma opção geopolítica.

cotidiano, enquanto um se re-inventar, enquanto um diálogos entre sujeitos e culturas autônomas, enquanto possibilidade de dê-locações de jogos de poder/saber, de políticas de verdades, de sujeitos atores que buscam os entre-lugares, as fendas.

Um dos elementos que deferi a corrente socialista libertaria das clássicas correntes socialistas, durante a internacional dando origem ao anarquismo, foi a autonomia. O anarquismo, numa perspectiva histórica, nasce como teoria política da autonomia operaria. Conforme explica Liberato (Op. Cit, p. 58), para Bakunin, a autonomia popular existe como meio e como fim, apreendendo o fazer da multidão como poder constituinte, poder de criar novas formas de organização social. Ponto de convergência entre as varias “vertentes” anarquistas, esta se constitui enquanto um elemento fundante desta doutrina e mais ainda deste movimento social/político.

Aparecendo enquanto meio e fim a autonomia é identificada para o movimento anarquista enquanto uma potencia geradora e que deve ser buscada em todas as expressões da vida. Assim como no caminho pela desconstrução de subalternidades, a autonomia esta presente na idéia de um fazer hoje, de uma constante vigilância, como resposta e caminho de uma rebeldia visceral, contra qualquer forma de opressão.

Caminhos que se entrelaçam na busca de um horizonte em construção.

Essa autonomia estah enquanto meio, - seja por meio: da “ação direta” dos anarquistas; do lema “faça você mesmo” dos punks; do modo de estrutura funcional e elo de ligação do movimento antiglobalizacao; do se re-inventar cotidiano e do pensamento fronteiroço da perspectiva da desconstrução de subalternidades - e estah também enquanto “fim”. Estah nesse horizonte almejado por ambos movimentos citados ao longo do trabalho. Sem saber nem prever como será pontualmente este horizonte, ambos possuem ideais comuns para ele.

Nesse sentido de forma sintética podemos concluir que ao buscar traçar as possíveis convergências entre a perspectiva de desconstrução de subalternidade e as idéias anarquistas, partimos do pressuposto básico de um princípio libertário comum, mesmo que um pense mais como um sistema político e outro nasça como uma estratégia de ação para práticas educativas sociais. Ao explicar a opção pela desconstrução de subalternidades, Azibeiro (2006) afirma ser ela uma opção em busca da libertação de cada sujeito, onde na busca dessa transformação cada sujeito torne-se protagonista encontrando os entre-lugares para as desconstruções. Esta afirmação define o pressuposto básico de tal conceito, a luta pela superação dos dispositivos construtores de subalternidades que, conforme vimos acima, estão fundamentalmente ligados a algumas relações de poder/dominação e construções de autoridades ilegítimas, seja ancorado na idéia de raça, seja na diferença colonial, e ousando um pouco mais, ao trazer tais dispositivos para a esfera econômica-atual, afirmamos que talvez, também seja numa autoridade de estado ilegítima, seja na concentração de capital, seja na propriedade privada e seja por meio de acordos entre grandes corporações capitalistas.

Se relacionarmos a dimensão da desconstrução de subalternidades com outros movimentos sociais de insubordinação, percebemos que o princípio básico deste é o mesmo que o do movimento anarquista quando pensado na sua atualidade. Trata-se de uma luta ferrenha contra a subordinação, contra a dominação colonializante, contra a autoridade ilegítima. Trata-se de um propósito libertário comum.

É claro que são apenas algumas aproximações possíveis, é claro que a desconstrução da subalternidade se trata de um movimento pensado no âmbito da educação, pensando a esfera cultural e subjetiva, surgido “nas veias abertas da América Latina²¹”, enquanto que o anarquismo se trata de um movimento político, já com uma certa tradição, que visa à abolição do governo centralizado e hierárquico. Entretanto, assim como a idéia de uma prática cotidiana num se-reinventar diário, defendido como forma de ação por Azibeiro (2006), pode ser

²¹ Para brincar com o título do livro de Eduardo Galeano.

associada com a prática da ação direta anarquista, e uma de suas idéias fundantes; e o conceito de entre-lugares pode ser identificado como sinônimo da busca por rachaduras na estrutura social ilustrada por Woodcock (2007) estes movimentos podem se encontrar em vários “cruzamentos”.

Verificamos que os dois movimentos podem muito bem convergir para além do hoje, por que não pensar na busca pela desconstrução de subalternidades também como uma luta por desconstruir qualquer forma de poder ilegítimo? E por que não ampliar a luta pela destruição de todos os dispositivos construtores de subalternidades, em todas as instâncias, seja eles a idéia de raça ou a concentração da propriedade privada? Podemos reconhecer que o amanhã desejado por um é o mesmo que o do outro? Talvez, sejam apenas aproximações pretensiosas, mas fica o registro do nosso desejo desse outro mundo possível. E da percepção de caminhos que se entrelaçam durante o percurso.

Bibliografia:

AZIBEIRO, Nadir Esperança. **Educação intercultural e comunidades de periferia: limiares da formação de educador@s.** (tese de Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, 2006.

_____. **Cotidiano escolar e grupos sociais vulnerabilizados: desafios emergentes a partir da opção política pela desconstrução de subalternidades,** Caderno de resumos do “II Congresso Internacional Cotidiano: Diálogos sobre diálogos”. UFF, Niterói – RJ, 3 – 6 maio de 2008.

BAKUNIN, Mikhail Aleksandrovich, **Federalismo, Socialismo e Antiteologismo,** (vol. 2 - coleção Pensamento e ação) São Paulo: Cortez, 1988.

BHABHA, Homi K. **O local da Cultura.** Tradução de Myrian Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves – Belo Horizonte: Ed.UFMG, 1998. 395 p. Coleção Humanitas.

CHOMSKY, Noam. **Notas sobre o Anarquismo.** São Paulo: Sedição Editorial/ Ed. Imaginário, 2004. 224 p.

DUSSEL, Enrique. **Europa, modernidade e eurocentrismo.** En libro: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-

americanas. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. pp.55-70. In: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/pt/Dussel.rtf>> acessado em 31 de março de 2009.

DUSSEL, Enrique. **TRANSMODERNIDAD E INTERCULTURALIDAD**. Interpretación desde la Filosofía de la Liberación. UAM-Iz., México City, 200.

IBAÑEZ, Tomaz. **Actualidad del anarquismo**, La Plata, Terramar Ediciones 2007, 160 págs.

KLEIN, Naomi. **Cercas e Janelas**, Editora Record, 2003. 335p.

FERREIRA VARGAS, Sebastião L. **Mística de resistência: cultura política no Exército Zapatista de Libertação Nacional e no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**. Informe final del concurso: Movimientos sociales y nuevos conflictos en América Latina y el Caribe. Programa Regional de Becas CLACSO. 2003 Disponible en la World Wide Web: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/becas/2002/mov/ferreira.pdf>

FIGUEIREDO, J. B. A. **Educação Ambiental Dialógica e Representações Sociais da Água em Cultura Sertaneja Nordestina: uma contribuição à consciência ambiental em Irauçuba-CE (Brasil)**. 2003. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas / Ecologia / Educação Ambiental) – Universidade Federal de São Carlos - UFSCar , São Carlos, SP, 2003.

_____. **Educação Ambiental Dialógica: as contribuições de Paulo Freire e da cultura sertaneja nordestina**. Fortaleza, CE: Ed. UFC, 2007. (Coleção Diálogos Intempestivos, 43).

FLEURI, Reinaldo Matias (Org.). **Intercultura e movimentos sociais**. Florianópolis: Mover, NUP, 1998.

LIBERATO, Leo Vinicius Maia. **Expressões Contemporâneas de Rebeldia: poder e fazer da juventude autonomista**. (tese de Doutorado em Sociologia Política) – Pós-Graduação em Sociologia Política, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, 2006.

MIGNOLO, Walter D. **A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade**. En libro: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. pp.71-103. In: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/pt/Mignolo.rtf>> acessado em 31 de março de 2009.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. En libro: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.

Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, **Ciudad Autónoma de Buenos Aires**, Argentina. setembro 2005. pp.227-278. In: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/pt/Quijano.rtf>> acessado em 31 de março de 2009.

RIVERA, Maria, La Onda Digital, Anibal Quijano: "**El neoliberalismo arrastra a América Latina a la esclavitud**", entrevista durante la Conferencia Latinoamericana de Ciencias Sociales (Clacso), Junio 2004. Disponível em: <<http://firgoa.usc.es/drupal/node/4897>> acesso em: 11 ago. 2008.

VARES, Luiz Pilla. **O anarquismo: promessas de liberdade**. 2. ed. Porto Alegre: Universidade, 1992. 95p

WOODCOCK, Georg. **Anarquismo: uma história das idéias e movimentos libertários**. (vol.1-A Idéia). Porto Alegre; L&PM: 2007. 272 p.

Bibliografia Complementar:

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Apresentação da edição em português. En libro: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino-americanas.

Edgardo Lander (org). **Colección Sur Sur**, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. pp.9-15. In: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/pt/ApreemPort.rtf>> acessado em 31 de março de 2009.

NASCIMENTO, Rogério Humberto Zeferino, **Anarquia nas Humanidades: perspectiva negativista no estudo da sociedade**, 2004. Núcleo de Sociabilidade Libertária - Nu-Sol. Texto extraído de <http://www.nu-sol.org>. Acessado em: 05/05/2008.

COSTA, Caio Tulio. **O que é anarquismo**. 10 ed.. Sao Paulo: Abril Cultural : Brasiliense, 1985. 121p. (Primeiros passos 5)

WOODCOCK, Georg. **Anarquismo: uma história das idéias e movimentos libertários**. (vol.2 – O Movimento). Porto Alegre; L&PM: 2008. 280p.

FAQ Anarquista. Seção A - **Que é anarquismo**. In: <<http://www.geocities.com/projetoperiferia2/indice.htm>> acessado em, 31 de março de 09.

GENNARI, Emilio. **EZLN: Passos de uma rebeldia**. 1. ed. São Paulo: Expressão popular, 2005. 128p.